

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Josiane de Souza Marques

**O DESENVOLVIMENTO DA REPRESENTAÇÃO DE DEUS NO INDIVÍDUO A PARTIR DA
OBRA “O NASCIMENTO DO DEUS VIVO” DE ANA-MARIA RIZZUTO**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).
Orientador: Prof. Dr. Sidnei Vilmar Noé.

Juiz de Fora
2017

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **JOSIANE DE SOUZA MARQUES**, acadêmica do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 14945659, declaro que sou autora do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **O DESENVOLVIMENTO DA REPRESENTAÇÃO DE DEUS NO INDIVÍDUO A PARTIR DA “OBRA O NASCIMENTO DO DEUS VIVO” DE ANA-MARIA RIZZUTO**, desenvolvido durante o período de 08/03/2016 a 25/03/2017 sob a orientação do PROF. DR. SIDNEI VILMAR NÓE, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, demonstro minha plena consciência dos efeitos civis, penais e administrativos desta declaração e assumo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autora, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, ____ de _____ de _____.

JOSIANE DE SOUZA MARQUES

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

O DESENVOLVIMENTO DA REPRESENTAÇÃO DE DEUS NO INDIVÍDUO A PARTIR DA “OBRA O NASCIMENTO DO DEUS VIVO” DE ANA-MARIA RIZZUTO

Josiane de Souza Marques¹

RESUMO

Este artigo apresenta uma análise crítica referente à origem da representação da imagem de Deus no indivíduo com base na apropriação da obra “O Nascimento do Deus vivo: um estudo psicanalítico” de Ana-Maria Rizzuto. Tendo como objetivo esclarecer, a partir da perspectiva da psicanálise, como surge a ideia de Deus no indivíduo, levando-o a crer ou negar sua existência. A obra evidencia a importância da compreensão das relações objetais primárias do indivíduo, que serão base para as relações futuras e como estas influenciam na formação da representação de Deus, existente no senso do *self* presente em todos os indivíduos, independentemente de crença ou descrença neste. A partir desses esclarecimentos o trabalho suscita questões de grande importância a serem refletidas, no que tange o indivíduo como ser religioso e a relevância da existência ou não de sua crença, a fim de entender seu equilíbrio psíquico, emocional e social, e abrangendo, portanto, todos os aspectos que compõem a vida do indivíduo em relação a sua crença.

PALAVRAS-CHAVE: Psicanálise – Representação objetual – Origem de Deus – Religião – Indivíduo

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por finalidade apresentar uma análise crítica referente à origem da representação da imagem de Deus no indivíduo com base, exclusivamente, na apropriação da obra “O Nascimento do Deus vivo: um estudo psicanalítico” de Ana-Maria Rizzuto. Publicada no Brasil em 2006 sob a coordenação da Escola Superior de Teologia (EST) da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB). Este tema é relevante para entender o ser humano no aspecto religioso. Rizzuto objetiva investigar, com base na psicanálise, o surgimento e o desenvolvimento da representação de Deus no indivíduo, independentemente de sua crença ou não em um ser superior e transcendente. Esclarecendo detalhadamente, ao longo de sua obra, como se dá o processo a partir do qual surge a ideia de Deus na psique do ser humano.

Apresenta-se neste artigo, uma composição de sua obra, no intuito de introduzir algumas questões importantes a serem refletidas a respeito da relação do indivíduo com seu Deus e das múltiplas variações da crença ou não de cada ser humano. Para tal, este trabalho está disposto em três tópicos: (i) o primeiro consiste na própria introdução e está dividido em dois subtópicos, os quais expõem uma síntese das teses centrais da obra de Rizzuto e explicitam o processo da formação da representação da imagem de Deus no senso do *self* do indivíduo, a partir de suas relações objetais; (ii) o segundo demonstra as teses teóricas da autora ao evidenciar um caso clínico, também de forma empírica, cuja história de vida da paciente é exposta resumidamente, seguida das conclusões de Rizzuto. O segundo também ressalta os dados que apontam para as teses centrais da autora. Em seguida são apresentadas as ponderações críticas apreendidas das ideias centrais da obra e as indagações acerca da relação do indivíduo com Deus, com o objetivo de ampliar o conhecimento sobre o tema, calcado em pesquisas e estudos contínuos e cientificamente investigados. (iii) E, finalmente, são apresentadas as considerações finais, retomando alguns pontos importantes, sendo estes, a presença inegável da representação de Deus no senso do *self* do indivíduo e como a decisão de crer ou não crer em um Deus pode refletir-se na vida do indivíduo, tornando-a uma questão a ser analisada com atenção. Isto é, diante do que será exposto, é possível, com base na obra apresentada, na perspectiva da psicanálise, esclarecer possíveis questões que podem interessar aos que se dedicam a entender o ser humano em seus aspectos religiosos, como: “o que leva alguns indivíduos a crerem em Deus e outros a negar sua existência?”, “o que leva os indivíduos a terem percepções diferentes de um mesmo Deus?” ou “por que existem variações nos relacionamentos com um ser superior?”.

2. SÍNTESE DA OBRA “O NASCIMENTO DO DEUS VIVO: UM ESTUDO PSICANALÍTICO” DE A.-M. RIZZUTO

¹ Graduanda em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: josisouzamarques@gmail.com. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Prof. Dr. Sidnei Vilmar Noé.

2.1. Apresentação das ideias centrais da obra de A.-M. Rizzuto

Na obra “O Nascimento do Deus vivo: um estudo psicanalítico”, Ana-Maria Rizzuto apresenta sua tese sobre a origem e o desenvolvimento da representação de Deus no indivíduo, independente do mesmo crer ou não crer em um ser superior e transcendente. A autora esclarece que as elaborações de seus estudos investigativos, bem como suas teses, não estão voltadas para questões religiosas sobre a veracidade ou não da existência de Deus², mas demonstram qual o objetivo de seus estudos e a limitação do mesmo quanto a assuntos que competem a outras áreas que se interessam pelo fenômeno religioso. Expõe também que cada disciplina - como a sociologia, filosofia, teologia, antropologia, psicanálise e áreas afins - apreende diferentes conceitos de um mesmo objeto em análise. Portanto, o tema que envolve aspectos religiosos é apresentado como amplo e complexo. Assim sendo, Rizzuto delimita seus estudos a uma investigação psicanalítica profunda do surgimento da origem da representação de Deus no senso do *self* do indivíduo e de como ocorre seu desenvolvimento ao longo da vida. Logo, o cerne da investigação, diz respeito aos objetos primários disponíveis para os indivíduos, a partir dos quais os mesmos concebem aspectos importantes para formular as primeiras representações de Deus.

A autora tem como principal base teórica as teses centrais de S. Freud sobre o indivíduo como ser religioso. No início da apresentação da sua obra é feita uma releitura dos pontos mais importantes deste autor, com os quais irá concordar ou discordar. Em acordo com Freud, Rizzuto atenta para a importância dos objetos primários, como a figura dos pais, irmãos, irmãs e pessoas presentes nos cuidados da criança nos seus primeiros anos de vida, para a formação de representações no *self* do indivíduo:

Sustento, todavia, que a formulação original de Freud [...] representa uma de suas maiores contribuições à compreensão do ser humano – particularmente do ser humano como um ser objetal, do uso vitalício pelo ser humano de imagens e representações objetais iniciais, de sua dependência de relações objetais e, igualmente importante, de sua religiosidade como uma atividade objetal. (Rizzuto,2006, p.50)

De acordo com Freud, a criança herda traços de memórias das suas primeiras relações parentais efetuadas até os seis anos de idade. Consequentemente, estes traços serão base para as escolhas das relações posteriores, consideradas como secundárias. Estes traços consistem em imagens exaltadas dos pais, mais propriamente da figura do pai. Em vista disto, de acordo com o autor, as relações futuras, estão de alguma forma, já estabelecidas desde os primórdios da vida do ser humano. Outro momento importante ocorre quando a criança começa a deslocar as imagens exaltadas dos pais, desligando-se delas. É neste momento em que se dá o início dos relacionamentos com outras figuras que não são as parentais, ou seja, pessoas como professores, líderes religiosos, amigos e outros, que passarão a compor as fontes secundárias das representações objetais que ajudam na elaboração da tão complexa formação da representação de Deus. No entanto, é importante ressaltar que as escolhas das relações com os objetos secundários advêm dos traços de memórias herdadas dos objetos primários: basicamente, os primeiros modelos não são substituídos pelos modelos secundários, mas estes seguem resquícios dos primeiros. O desligamento dos objetos primários em função dos secundários é compreendido como processo de transformação das imagens originais, que ao passar de um objeto para outro, na realidade são modificadas e passam por transformações que levam ao terceiro e importante momento, em que a representação do pai, já exaltada, torna-se a representação de Deus, o que para Freud, é uma exaltação do pai da horda primitiva, amado ou temido. Para Freud, a exaltação, originada na figura do pai e difundida nos objetos secundários, é transferida para algo maior que o próprio indivíduo e seus objetos representacionais, é transpassada para algo transcendente, supremo, inaugurando a ideia de Deus a partir das representações objetais.

Embora, segundo Rizzuto, Freud tenha contribuído de forma relevante para a compreensão da origem e formação da representação de Deus no senso do *self* do indivíduo, a autora expõe que suas pesquisas avançam em relação às das ideias de Freud, uma vez que o autor lida com três níveis importantes para realizar suas pesquisas “(1) o processo antropológico na história, que conduz à criação da representação de Deus; (2) sua transmissão por herança direta aos seres humanos masculinos e por herança indireta aos femininos; (3) a formação da representação privada de Deus por parte do indivíduo durante a infância” (Rizzuto, 2006, p.65),

² Assim como na obra em análise “A referência a Deus será feita de maneira costumeira, i. e., no gênero masculino e com nome próprio [...] O estudo igualmente indica que a palavra Deus, para um determinado indivíduo, não se refere direta e especificamente a um ser superior existente - como postulado por teólogos e filósofos -, mas à criação privada deste indivíduo” (Rizzuto,2006, p.13)

enquanto Rizzuto deixa claro que, em sua pesquisa, levará em conta apenas o nível três – por estar diretamente ligado ao seu objeto de estudo -, omitindo os dois primeiros - por abordarem temas que não competem a sua área de formação e pesquisa.

Minha área de competência é a formação da representação de Deus durante a infância e suas modificações e seus usos durante a vida. É esse processo que chamo de “nascimento do Deus vivo”. Aqui, seguindo os passos de Freud, tentarei completar sua resposta à sua própria pergunta sobre como as pessoas chegam a ter uma crença real na existência de Deus. (Rizzuto, 2006, p. 65).

A autora justifica a omissão dos dois primeiros níveis de abordagem de Freud, alegando que, ao defender suas principais ideias a respeito da formação da representação de Deus no indivíduo, o autor entrou na área de relações objetais e representações de objetos. Vale ressaltar que esta esfera de pesquisa é muito importante para entender as complexidades das formações das representações parentais no senso do *self*, tais como: o processar-se da relação da criança com seus pais e o que ela apreende com as atitudes dos mesmos; o transmutar das representações e suas reelaborações em cada nova fase do desenvolvimento da psique. E é a partir dela que se pode inferir o surgimento da representação de Deus, denominada por Rizzuto, na citação acima, como o “nascimento do Deus vivo”. E acrescenta que considera o nível três da perspectiva freudiana, argumenta que a representação de Deus é formada no senso do *self*, a partir de várias fontes objetais primárias e não apenas de uma, como é sugerido por Freud³.

Rizzuto enfatiza, no entanto, que uma fonte objetal sempre se sobressai às outras, de forma importante e influenciadora na formação da representação de Deus, não sendo necessariamente a figura do pai e não excluindo ou diminuindo a influência relevante das demais fontes objetais existentes. E fundamenta esta tese de forma empírica, ao apresentar dados clínicos de pacientes avaliados em suas pesquisas, como o contexto clínico exposto nos parágrafos a seguir. Em resumo, Rizzuto evidencia que Freud desconsiderou pontos de suma importância em seus estudos, portanto, suas conclusões referentes ao surgimento da ideia de Deus precisam ser reavaliadas. Outro ponto importante está relacionado ao nível desenvolvimental em que ocorre o conflito edípico, sendo que, de acordo com Freud, a origem da imagem de Deus, depende de sua resolução. Para Rizzuto, esta fase é de grande relevância, mas o surgimento da imagem de Deus, não está restrito a este nível desenvolvimental, pois, as demais fases contribuem significativamente para o surgimento da origem da ideia de Deus no senso do *self*, conforme a citação abaixo:

Concluo, pois, que a formação da imagem de Deus não depende do conflito edípico. Trata-se de um processo representacional objetal marcado pela configuração emocional do indivíduo prevalecente no momento em que ele forma a representação – em qualquer fase desenvolvimental. (Rizzuto, 2006, p. 69).

Portanto, a representação da imagem de Deus é formada no decorrer das fases desenvolvimentais da psique do indivíduo e reelaborada de acordo com diversos fatores: características dos pais e irmãos, as dificuldades nos relacionamentos com os mesmos, os aspectos religiosos, sociais e intelectuais nos quais o indivíduo está inserido. E estes, segundo a autora, contribuem simultaneamente na formação da primeira imagem de Deus. Resumidamente, para Freud, a resolução do complexo edípico dá origem à imagem inicial de Deus, não podendo ser remodelada, exceto mediante análises e contrariamente, para Rizzuto, esta representação passa por transformações de acordo com a reelaboração psíquica do indivíduo em cada estágio do ciclo de sua vida.

Rizzuto também diverge de Freud na questão do ser humano religioso e dependente de um relacionamento com seu Deus para ter equilíbrio psíquico, visto que para este autor, “[...] todos os crentes precisam ainda estar ansiando pelo pai como ele era na realidade, sempre que recorrem a Deus” (Rizzuto, 2006, p. 72); o indivíduo que precisa crer na existência de um ser superior, na verdade está desejando o pai de “carne e osso”⁴, uma figura objetal existente realista, e não uma figura objetal inexistente; o relacionamento do crente com seu Deus seguirá as características de seu relacionamento com a figura do seu pai real; o indivíduo que anseia por um relacionamento satisfatório com Deus poderá alcançá-lo, se o relacionamento com seu pai de

³ Freud estabelece o pai como fonte objetal principal para a origem da ideia de Deus no indivíduo, desconsiderando as demais fontes em suas pesquisas.

⁴ Vide definição deste conceito em: FREUD, Sigmund (1912-13). Totem e Tabu. Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de. Rio de Janeiro: Imago, 1974, v. XIII.

“carne e osso” tiver maturidade, caso contrário, terá que solucionar os conflitos existentes, a fim de alcançar o êxito esperado na relação com seu Deus e, se os conflitos não forem solucionados, o indivíduo estará condicionado a conviver com os mesmos problemas na relação com seu Deus. Em contraponto, para a autora, quando o indivíduo recorre a Deus em busca de um relacionamento maduro, está ansiando não por um objeto real, como seu pai, mas, por um objeto de sua criação, que excede as características dos próprios objetos primários; um ser transcendente, que alcançou traços particulares advindos das transformações e reelaborações da primeira representação de Deus. O objeto (Deus) desejado pelo crente, segundo Rizzuto, está entre os objetos imaginários da psique, sendo estes desconsiderados nas análises em detrimento do foco nas relações objetais.

Talvez tenhamos esquecido a poderosa realidade de objetos inexistentes, objetos de nossa criação. Hoje, paradoxalmente, a insistência em relações objetais parece ter eliminado o conhecimento de que o ser humano não vive de pão somente. As criações fictícias de nossas mentes – aquelas de artistas criativos, por exemplo – possuem tanto potencial regulador em nossa função psíquica quanto as pessoas “de carne e osso” em torno de nós. Esquecemos o impressionante poder de musas, anjos da guarda, heróis [...] e do próprio Deus. A vida humana empobrece quando esses personagens imateriais constituídos de inúmeras experiências desaparecem sob o recalçamento de um realismo psíquico que violenta a incessante criatividade da mente humana [...]. Nesse sentido, pelos menos, a religião não é uma ilusão. Ela é uma parte integrante de ser humano, verdadeiramente humano em nossa capacidade de criar realidades invisíveis, mas significativas, capazes de conter nosso potencial para a expansão imaginativas para além dos limites dos sentidos. Sem essas realidades fictícias, a vida humana passa a ser uma monótona existência animal. Sem átomos não-vistos, fórmulas químicas imaginárias ou inclusive entidades fictícias como o id, o ego e o superego, todo o âmbito da cultura torna-se um mundo insípido e irrelevante de aparência sensorial. (Rizzuto, 2006, p. 72-73).

Na citação acima, Rizzuto destaca a importância de analisar os “objetos inexistentes” para entender a influência que exercem na formação da representação de Deus no senso do *self* do indivíduo e consequentemente na relação com seu Deus, apontado que, para Freud, a relação do crente com Deus é vista como representando uma delimitação da incapacidade do indivíduo de ser livre para agir e pensar de forma realista, racional. Sendo assim, a religião nada mais é do que uma ilusão e imaginação do ser humano adulto que não superou a crise edípica quando criança e se tornou refém das representações objetais exaltadas de seu pai de “carne e osso”, que pode ser amado ou odiado, precisando imaginar um Deus capaz de suprir suas necessidades. A autora comenta que “Freud sente que Deus, todavia, tem de ser abandonado, e, se isso não acontece, o motivo deve estar no fato de o indivíduo ainda se sentir como uma criança e se comportar como tal quando a vida o confronta com sua fragilidade e pequenez” (Rizzuto, 2006, p.57). Para Freud, a religião precisa ser superada através do enfrentamento da realidade, sendo a única maneira de ser livre e racional. Rizzuto discorda dessa visão freudiana, que reduz o ser humano religioso a um ser iludido e, consequentemente, limitado e inferior àquele que é capaz de agir com a razão e que interpreta a ilusão como fragilidade. Faz-se necessário, portanto, desconsiderar as questões religiosas nas análises de Freud, em observação da grande importância destas no entendimento do ser humano em toda a sua complexidade, é o que sugere Rizzuto ao tencionar, sobretudo, salientar a relevância do aspecto religioso no ser humano, capaz de criar e imaginar seres objetais fictícios nas análises psíquicas, isto, no intuito de entender como sua relação com Deus interfere em seu equilíbrio psicológico.

Um elemento importante, apontado na obra em análise, refere-se às variedades de representações de Deus de acordo com cada indivíduo, consequentemente, diferentes manifestações do relacionamento com Deus. Em concordância com Freud, Rizzuto comenta que, independente do indivíduo ser crente ou não crente, todos possuem uma representação da imagem de um Deus formado em seu *self*: “[...] não existem pessoas sem uma representação de Deus” (Rizzuto, 2006, p.73). Os seres humanos que não creem em um ser superior são levados a esta condição de falta de fé devido às condições psíquicas em que a representação de Deus se formou ao longo de sua história de vida. Segundo Rizzuto um indivíduo pode não crer por medo de seu Deus, por não sentir necessidade, por ter criado outros tipos de deuses que à satisfaz de igual maneira e por outros motivos diversos que diferenciam cada indivíduo. Em paralelo, os motivos para se crer em um Deus podem variar pela necessidade de proteção, segurança, pelo medo de não crer em um ser superior e temer a existência real de um ser transcendente. Portanto, a autora confere que a maturidade – sob o ponto de vista de Freud – e a

crença em um Deus, não estão necessariamente relacionadas, pois crer ou não crer em um ser transcendente, está diretamente vinculado à representação primária e à sua formação no senso do *self* do indivíduo.

Rizzuto elucida que, quando se aborda assuntos referentes à crença, é indispensável esclarecer as diferenças conceituais que envolvem a questão de Deus e a representação da imagem de Deus, tendo em vista que a representação de Deus que prevalece no indivíduo é resultado das múltiplas formas e transformações sucedidas no senso do *self*. Acrescenta-se que uma porção importante dessas mudanças estão ligadas às influências procedentes do Deus da religião, ao qual o ser humano é exposto pelos pais na infância. Quando a autora faz referência ao conceito de Deus, deixa claro que está mencionando o Deus dos teólogos, da religião “[...] cuja existência ou não existência é debatida pelo raciocínio metafísico.” (Rizzuto, 2006, p. 74) e quando menciona a representação da imagem de Deus, está se referindo ao Deus formado na psique do indivíduo por meio da relação com os objetos primários. Este Deus é engendrado nas complexas relações objetais que compõem a vida do ser humano. Pode-se dizer, o Deus psicológico é o objeto de estudo da autora em sua análise psicanalítica: o ser inerente a todos indivíduos, independente de serem ou não em um Deus conceitual.

Tendo esclarecido as diferenças entre o Deus conceitual e o Deus psicanalítico, na obra analisada é apresentada a dinâmica da interação entre ambos os conceitos e a motivação de sua fusão, que têm como consequência uma representação da imagem de Deus dominante no senso do *self* e define o desempenho da relação do indivíduo com seu Deus. A representação da imagem de Deus é exposta em relação às ações para com os objetos primários, e a partir de um determinado nível de seu desenvolvimento psíquico, a criança passa a observar as atitudes de seus pais e estes passam a ser exaltados pelos filhos, vistos como super-heróis, seres dotados de poderes e capacidades de suprir as necessidades da criança e por vezes antecipando a expressão de seus desejos; ao contemplar o comportamento dos pais diante de um ser superior, a criança fica profundamente impressionada com a devoção direcionada a um ser invisível, capaz de fazer com que seus pais – superiores e admirados – se curvem e demonstrem grande respeito e veneração a este ser transcendente.

Assim, a realidade dos pais e suas ações conferem um poderoso senso de realidade a esse ser invisível. O consenso da comunidade cultural de adultos dá à criança o senso de que a ordem natural das coisas inclui a existência desse ser a quem todos os adultos vêm com solenidade semanal ou, pelo menos, na época de eventos importantes – casamentos, nascimentos, falecimentos –, a fim de se submeter a seus desejos. (Rizzuto, 2006, p. 77).

Dessa forma, a representação da imagem de Deus é reelaborada ao interagir com as representações parentais e com a influência das relações destes com o Deus da religião a qual pertencem. Diante deste relacionamento multi processual, a veracidade de um Deus conceitual pode ser sentida pelo indivíduo quando a representação de Deus estiver relacionada dialeticamente com o senso do *self* e com a representação dos pais, como Rizzuto discursa. Assim, quando o indivíduo crê na existência de um ser transcendente, a autora postula que o senso do *self* está intrinsecamente envolvido com uma representação de Deus experienciada como realidade e fundamental para o equilíbrio e identidade do indivíduo. No entanto, quando o indivíduo não crê em Deus, pode-se evidenciar um envolvimento da representação de Deus com um recalçamento das representações parentais em alguma fase do desenvolvimento, isto é, as “[...] elaborações da representação de Deus não se desenvolveram no ritmo igual ao da representação do *self*.” (Rizzuto, 2006, p. 78). Em seguimento do explicitado até aqui, a autora completa que o fenômeno da conversão, pode ser concebido como um “desrecalque” de uma representação muito importante de Deus: uma experiência emocional intensa na vida de um indivíduo pode acarretar na admiração e/ou aceitação de uma representação de Deus, outrora recalçada ou deficiente no que tange a reelaboração, em uma determinada fase do desenvolvimento desse conceito de Deus.

Retomando um ponto importante, destaca-se a influência que o Deus da religião, apresentado pela figura dos pais, exerce na configuração da representação de Deus no senso do *self* do indivíduo e salienta-se a participação ativa desta influência na elaboração e reelaboração, a qual resulta na representação de Deus que dará sentido à vida do indivíduo. A autora valoriza a religião como fator essencial para compreender o indivíduo; assim como o aspecto imaginativo, a capacidade de fantasiar e exceder a realidade. Em suas próprias palavras:

[...] se os seres humanos continuarem a necessitar da fantasia criativa para moderar seus anseios por objetos, seus medos, seu pungente desapontamento com suas limitações, continuarão a existir deuses. Este é o paradoxo do ser humano: necessitamos de nossos objetos do início ao fim; a urdidura de nossa estrutura psíquica é feita deles e, como diz Mahler, permanecemos enredados neles “até a sepultura”. Os objetos reais, todavia, são moldados, transformados, exaltados, demonizados ou deificados por nossa imaginação,

nossos desejos e medos. E esta é a essência do paradoxo do ser humano: os objetos de que tão indispensavelmente necessitamos jamais são apenas eles mesmos; eles combinam o mistério de sua realidade e de nossa fantasia. Enquanto esse paradoxo permanecer uma característica essencial do ser humano, deuses continuarão a ser criados, e a natureza e o mundo continuarão sendo personalizados, independentemente de quantos esforços “progressivos” façamos no sentido de computadorizar todos os recantos do universo. O ser humano ideal de Freud, o ser humano sem ilusão, terá de esperar por uma nova espécie de seres humanos, talvez por uma nova civilização. (Rizzuto, 2006, p.80).

Aprofundando a investigação, no que tange à importância da representação objetiva, a autora propõe que as representações objetivas carregam em si mesmas uma síntese das memórias herdadas dos objetos que lhes deram origem. Em cada fase desenvolvimental, a representação de um objeto, já formada no senso do *self*, assimila as novas experiências do indivíduo com o objeto real e os fictícios; e as novas informações são codificadas pela representação do objeto, desenvolvida no *self* na fase anterior, levando ao processo de reelaboração e transformação da representação do objeto, a fim de integrar os novos dados e surgindo então uma nova representação do objeto, que contém as memórias das experiências das fases anteriores e da fase atual. Rizzuto defende que as memórias não se perdem e tão pouco podem ser destruídas, o máximo que se pode fazer é recalá-las. Portanto, estarão presentes nas representações objetivas, acompanhado o ser humano durante toda a sua vida, podendo ser invocadas pelas lembranças, sempre que o indivíduo se depara com uma situação semelhante à vivida no passado. Quando sucede a representação do objeto no senso do *self* não assimilar as novas experiências, a representação objetiva não passa mais pelo processo de reelaboração, podendo ficar recalçada na fase desenvolvimental na qual cessaram as transformações. Por conseguinte, as lembranças invocadas estarão intrinsecamente ligadas à última representação reelaborada do objeto, trazendo à tona os mesmos sentimentos que compuseram ou compõem o relacionamento do indivíduo com o objeto real, podendo ser de amor, ódio, temor, aceitação, repulsa, desejo, admiração, etc.

Finalmente, a autora esclarece uma questão de grande importância para entender a dinâmica da relação do indivíduo com as representações que forma de si mesmo, dos objetos reais, dos objetos imaginários e das que se originam das relações múltiplas que as interligam. Sendo assim, se o indivíduo relaciona estas com Deus, de acordo com a representação de Deus formada no senso do *self* e esta é formada a partir da representação dos pais, a relação com Deus estará entrelaçada com as memórias advindas das representações objetivas primárias. Portanto, as lembranças (gestos, carinho, cheiro, voz, sentimentos de amor, ódio, etc.), atreladas às representações primárias, darão a direção e a estrutura do relacionamento do indivíduo com Deus. Estando o indivíduo sujeito, também, a um relacionamento com Deus, restrito à última reelaboração da representação de Deus no senso do *self*. Esclarecendo assim que a diferença na maneira com a qual os indivíduos se relacionam com Deus está diretamente ligada ao processo de reelaboração e transformação das representações objetivas ou de um possível recalçamento, em cada nível desenvolvimental da psique do ser humano ao longo de sua vida.

Como supramencionado, Rizzuto expõe, em sua obra, estudos de casos clínicos e resultados de suas pesquisas empíricas, a fim de demonstrar detalhadamente os dados que comprovam suas teses centrais a partir do histórico de vida dos pacientes, dos quais um caso será apresentado logo abaixo.

2.2. Dados empíricos evidenciados por Rizzuto em sua obra

O caso clínico, intitulado “*Um Deus sem barba*”, apresenta a história de vida de uma paciente, chamada de Fiorella Domenico, uma mulher de aproximadamente sessenta anos, com casamento bem-sucedido, com dois filhos – já casados –, com netos e com uma vida afirmada como tranquila, sem muitos percalços e sem grandes conflitos que pudessem abalar seu equilíbrio emocional, social e psíquico. A autora, ao iniciar suas pesquisas com Fiorella, pediu a ela que fizesse o desenho de um Deus, o qual a paciente fez em seu quarto, por não conseguir fazê-lo na presença de Rizzuto e entregou com a seguinte descrição abaixo do desenho de um homem: “Deus está orando a nós e cuidando de nós.” Um dia após ter feito o desenho, confessou a seu terapeuta ter sentido vergonha por não conseguir desenhar na presença da pesquisadora e lamentou não ter colocado barba no homem que representava Deus em seu desenho.

A paciente foi a segunda de cinco filhos de uma família tradicional italiana, cujos pais imigraram – com outras famílias – para Nova Inglaterra, para trabalhar nas novas fábricas e passaram a morar em uma das casas oferecidas aos operários. A família tinha boas relações sociais e religiosas na igreja católica romana que frequentava e mantinha contato com a comunidade italiana local. O pai foi descrito como forte, severo, gentil,

reservado, tranquilo, sem apego às afeições físicas, provedor e chefe da casa, sempre por perto, demonstrando, ao seu modo, cuidados para com a família. A mãe foi descrita como severa, trabalhadora e rigorosa, ao ponto de seus filhos terem medo de se dirigir a ela em palavras ou expressar qualquer tipo de sentimento para com ela. Ambos os pais deixavam tão claro que eles eram os chefes da casa que Fiorella, durante a análise, relata que via a família dividida em dois grupos: um composto pelos pais e o outro por ela e os irmãos.

A família teve uma vida sossegada durante a vida desenvolvimental da paciente, ocorrendo apenas dois eventos que marcaram sua vida tranquila: o primeiro foi quando ela viu seu pai chorando pelo seu irmão caçula, que adoeceu com pneumonia, ficando à beira da morte, embora tenha se recuperado; e o outro evento foi a mudança para a casa própria que seus pais compraram. Com exceção desses dois acontecimentos, nenhum outro deixou marca em sua vida, salvo por um momento importante, descrito por ela, sua primeira comunhão na igreja católica romana, aos sete anos, quando se sentiu mais próxima de Deus. Quanto às demais coisas em sua vida, se descreveu, em sua fase desenvolvimental pessoal e emocional, como uma criança feliz, embora um pouco tímida e julgou-se como boa pessoa e boa filha, ainda que, na adolescência, tenha desejado sapatos de salto alto e os tenha conseguido – após começar a trabalhar escondido –, contrariando seus pais, que se zangaram ao descobrir, e apanhando de seu pai (que a esbofeteou) por essa única vez.

Aos dezoito anos, seus pais lhe apresentaram um rapaz que, dez meses depois, se tornou seu marido e pai de seus filhos, companheiro e amigo ao longo de sua vida. Um ano e meio depois de casada, ela engravidou do seu primeiro filho, um menino, e cinco anos depois, deu à luz uma menina. Julgou muito boa a experiência de ser mãe e tranquilos os vinte anos que se passaram após o nascimento dos filhos. No entanto, ao completar trinta e oito anos de idade, seu pai faleceu e, dois anos depois, sua mãe também, ambos num leito cercado pelos filhos. Fiorella não chorou, mas se ressentiu pela falta de seu pai e, ainda que muito dolorosos, ambos os falecimentos não lhe afetaram perceptivelmente o seu equilíbrio psíquico. Ademais, um ano depois de perder a mãe, seu filho mais velho anunciou seu casamento e a paciente sentiu profunda tristeza, além de uma sensação de abandono, por parte do filho, entretanto não se opôs ao casamento e ajudou nos preparativos. E, seis anos depois, sua filha também se casou, contudo, a paciente estava mais bem preparada emocional e psicologicamente para este evento e sua filha moraria perto dela.

Tendo passado estes eventos (morte dos pais, casamento dos filhos), Fiorella se apegou ainda mais ao marido, o que intensificou a relação dos - dois, e começou a apresentar sintomas de ansiedade e fobia. Duas outras situações agravaram este quadro: (i) ela passou pelo trauma da sensação de perda quando seu marido teve uma forte cólica renal e ela, sozinha com ele, não conseguiu contatar ninguém para socorrê-lo; (ii) ela ficou desacordada durante a manhã e tarde de um dia, devido à hipertensão arterial – causada pelas fobias e ansiedades – e ela, sozinha, imaginou que morreria sem socorro até que seu marido a encontrou. Seu pânico de ficar sozinha se estendeu à fobia de lugares lotados, como a igreja a qual era assídua e deixou de frequentar. Somente com a presença do marido sentia-se segura, protegida, e não apresentava nenhum dos sintomas que lhe causavam desordem psíquica.

Tendo exposto o resumo da história de vida da paciente em análise, apresentarei a seguir a conclusão de Rizzuto acerca da origem da representação da imagem de Deus e suas reelaborações e transformações ao longo do desenvolvimento psíquico de Fiorella Domenico.

A autora concluiu que a representação de Deus da paciente tem como fonte objetual primária predominante a figura do pai e sua relação com ele e, como fontes secundárias, a figura da mãe e a dos próprios pais, como casal. O Deus conceitual, apresentado pela religião de seus pais, é sentido pela paciente como um Deus que está acima de tudo, que proporciona tranquilidade, segurança e felicidade, que não provoca pavor, temor ou medo, mas cuida e protege com seriedade e serenidade. Nesta, pode-se observar a semelhança da definição de Deus com a descrição de Fiorella a respeito de seu pai: severo, forte, gentil e tranquilo e sempre por perto, cuidando da família. Percebe-se que sua representação de Deus segue aspectos relevantes do objeto primário paterno, podendo ser notado também na descrição feita por ela abaixo de seu desenho de Deus “Deus está orando a nós e cuidado de nós”. O fato de ver Deus como o provedor que supre suas necessidades está ligado à figura paterna, o chefe da família que não deixava faltar nada aos seus filhos, que sempre esteve junto da família e outro ponto importante é senti-lo sereno e gentil, assim como seu pai chorando pelo filho doente. Portanto, seu pai, visto como um homem forte e de poucas expressões de afetos físicos, passa a ser mais admirado ao expressar sentimentos de amor e serenidade, diante de momentos difíceis. O desgosto da paciente quanto ao seu desenho de Deus ser sem barba está vinculado ao fato de seu pai ter bigode.

Da representação objetual materna, a representação de Deus de Fiorella apresenta aspectos considerados secundários por não afetarem sua forma de crer, embora, as influências que exercem na elaboração da representação de Deus sejam relevantes: ela sente que Deus, em toda sua bondade, também

pune as pessoas, mas de forma justa, sabendo o que é melhor para elas. Este aspecto está ligado à representação da mãe, pois era ela quem disciplinava os filhos e dizia o que tinham que fazer. Conquanto, assim como os aspectos punitivos de Deus não inibiram Fiorella de continuar crendo e dependendo dos cuidados de Deus, a mãe também não era odiada por ela, mas respeitada e aceita como era de fato.

Por fim, Rizzuto estabelece que a representação da mãe, mesmo contribuindo com a elaboração da representação de Deus, não interfere na crença que a paciente tem em Deus, uma vez que os aspectos punitivos herdados da representação da mãe são apenas um preço a ser pago em relação à proteção, segurança e cuidados proporcionados pelos aspectos herdados do pai. A partir disso, Rizzuto encerra que sob a influência da representação dos pais como um casal⁵, Fiorella sentia que o mundo não tinha explicações sem a existência e a proteção de Deus; e que seguir seus mandamentos era importante, valendo apenas obedecê-los, a fim de ter um bom relacionamento com Deus: ambos os pais proporcionavam segurança aos filhos, não permitindo que nada lhes faltasse, assegurando à família que vivessem de forma tranquila, levando uma vida calma e que o cumprimento de suas instruções eram simplesmente uma maneira de manter as coisas em ordem.

Rizzuto solicitou a Fiorella que citasse a pessoa que mais amou durante sua vida e ela respondeu que era o pai e depois que ele morreu, passou a ser o marido, quando sobre a pessoa mais amada, de acordo com algumas fases de sua vida, a pesquisadora pode notar variações nas escolhas feitas pela paciente, são elas: do nascimento até os três anos, citou a mãe; dos três aos doze anos, mostrou ambivalência em relação a ser a mãe ou o pai; a partir dos doze anos, citou o pai; após a morte do pai, quando completou trinta e oito anos, os filhos e o marido; após o casamento dos filhos, o marido. Tendo esclarecido os dados sobre a importância dos objetos parentais durante as fases da paciente, Rizzuto percebe a influência que estas exerceram nas elaborações e transformações da representação de Deus de Fiorella, bem como, o que levou a paciente a ter desequilíbrio psíquico com sintomas agudos de fobia e ansiedade.

Enquanto estava vivo, o pai de Fiorella era o objeto real mais amado por ela, já que ele era a fonte objetual primária de maior influência da representação de Deus do senso do *self* da paciente. Após sua morte, Fiorella, ficou ressentida, todavia não a ponto de ter desequilíbrio psíquico, pois o amor que sentia pelo pai, começou a ser deslocado para o marido logo após o casamento e solidificou-se após a morte do pai e o casamento dos filhos. O marido de Fiorella passou a ser o objeto real mais próximo da representação do pai e de Deus.

Como exposto anteriormente, Freud defende que as representações dos objetos secundários herdam traços de memórias das representações dos objetos primários. Portanto, as escolhas posteriores de relacionamentos do indivíduo, estarão intrinsecamente relacionadas aos aspectos das primeiras relações com os objetos primários. Esta questão esclarece o apego sentimental de Fiorella pelo marido, este é descrito como tendo características semelhantes às do pai da paciente. Rizzuto aponta um episódio interessante que evidencia como a representação do pai estava atrelada a de seu marido no senso do *self* da paciente: Fiorella, no calor de uma discussão com o marido, exigiu que ele à esbofeteasse (como exposto na história de vida da paciente, ela apanhou de seu pai apenas uma vez), tendo ele recusado, esforçou-se para conquistar seu afeto, fazendo com que a relação voltasse ao normal.

Com base nas conclusões anteriores, Rizzuto constata o que causou o desequilíbrio psíquico de Fiorella Domenico após os eventos que levaram o marido da paciente a ser o objeto real de maior importância para ela, chegando ao nível de ser o único cuja presença lhe proporcionava segurança e conforto e punha fim a sua ansiedade e fobia: (i) o trauma de ânsia de perda e impotência ao ver seu marido em uma crise de cólica renal, sem nenhum socorro; (ii) a experiência de morte iminente por estar sozinha em casa, ao sentir-se mal, sem ajuda de ninguém de sua família. Estes dois episódios confrontaram a representação elaborada de Deus em seu *self*, levando a uma crise psicológica. De acordo com Rizzuto, a representação de Deus de Fiorella deixou de ser reelaborada, por consequência recalcada em uma fase desenvolvimental ainda na infância; portanto, sentia seu Deus bom para com ela, contanto que ela fosse boa para com as pessoas a sua volta e com o próprio Deus. Sendo assim, a autora, considera a relação da paciente com seu Deus como barganha a um nível infantil. Havia um pacto a ser cumprido: Deus cuidaria dela, enquanto ela fosse uma boa pessoa, caso contrário, Deus seria punitivo, mas de forma justa, semelhante à representação objetual materna. Fiorella sentiu que este pacto havia sido rompido, uma vez que ela se considerava um bom ser humano, mas Deus não estava proporcionando segurança e tranquilidade ao permitir que ela e seu marido quase morresse. Para ela, viver sem

⁵ Os pais deixarem claro que eles eram os responsáveis e chefes da família e seus filhos deveriam se submeter a eles.

Deus era algo impensável, mas de forma inconsciente foi se afastando da igreja, ainda que sem negar a existência de Deus ou demonstrar ódio e repulsa por Ele.

A fobia e a ansiedade são explicadas por Rizzuto como manobras de defesas em preservar tanto sua crença em Deus quanto sua relação com o marido, pois a ideia ofensiva de que Deus estava faltando com proteção para com ela foi deslocada para a igreja e aglomerações, vistos por ela como ameaças aos objetos mais amados, seu marido e Deus. A autora explica que “[p]arte de sua reação fóbica a igrejas talvez também se relacionasse com o fato de que tinha de participar de tantos funerais de parentes, onde os fatos incompatíveis da morte e da esperada proteção de Deus eram justapostos de maneira inequívoca” (Rizzuto, 2006, p.149). Em soma a todos os eventos supracitados, seu marido passou a lhe dar maiores atenções, evitando deixá-la sozinha e proporcionando a ela tranquilidade e a proteção desejada. Sendo assim, Rizzuto conclui que:

Essa manobra fóbica permitiu-lhe manter intacta sua auto-imagem de pessoa boa e amorosa, e Deus podia continuar sendo um objeto amoroso. No caso dela, ambas as manobras eram necessárias para que ela mantivesse suas duas relações de apoio mais importantes – as relações com Deus e com seu marido. Se ela não tivesse feito isso, teria de enfrentar uma série crise religiosa, possivelmente bem semelhante a uma crise de dúvida e de auto-análise da adolescência, para a qual não estava, de forma alguma, preparada. Ela teria de encarar as tristezas e dores da vida e aceitar as limitações da felicidade humana. Isto, todavia, era mais do que podia suportar. Acreditara, com bastante sinceridade, que era cuidada por uma Providência protetora [...]. Ela, porém, se viu à mercê de uma morte imprevisível e, em sua angústia de abandono, protegeu tanto a seu Deus quanto a si mesma com uma reação fóbica. (Rizzuto, 2006, p.149).

O caso clínico exposto acima evidencia empiricamente as teses de Rizzuto quanto às representações objetais primárias, suas influências na formação da representação de Deus e suas reelaborações ou recalçamento. No caso de Fiorella Domenico, ocorreu o recalçamento da representação da imagem de Deus em um nível desenvolvimental ainda inicial, o que lhe causou grandes conflitos e desequilíbrios psíquicos quando a sua ideia de Deus não era mais compatível com sua realidade vivida. Precisando, portanto, recorrer a manobras defensivas para preservar sua crença em um Deus, cuja existência era incontestável para ela.

Diante deste caso clínico, entre outros abordados por Rizzuto, mas não abordados neste artigo, a autora mostra, a partir da psicanálise, como surge a ideia de Deus no senso do *self* do indivíduo, constituindo uma grande contribuição voltada para o esclarecimento de como alguns indivíduos chegam a crer em um ser transcendente e outros negarem sua existência: evidenciado que ambos possuem uma representação de Deus formada no senso do *self* que não pode ser destruída ou apagada da memória, mas apenas recalçada no psíquico do ser humano.

3. PONDERAÇÕES CRÍTICAS

Partindo da tese de Rizzuto de que todos os indivíduos estão sujeitos à representação de Deus, não podendo destruí-la, mas no máximo recalca-la e nega-la ou aceita-la, crendo fielmente que Deus existe. E tendo a autora exposto detalhadamente e empiricamente como se origina a formação da ideia de Deus no senso do *self*, assim como suas reelaborações e transformações a partir das fontes objetais primárias disponíveis nos primeiros anos de vida do indivíduo, torna-se evidente a importância dessas análises para entender o que se passa no psíquico do indivíduo quando analisado no aspecto religioso: sua crença ou não em um ser superior, sua relação com Deus, suas dúvidas religiosas, os sentimentos atribuídos a Deus, a percepção que o indivíduo tem de seu Deus e a percepção que sente Deus ter dele.

A autora realiza uma investigação profunda do que se passa na psique do ser humano, a fim de esclarecer o surgimento da ideia de Deus, alcançando o objetivo proposto no início da sua pesquisa:

Este não é um livro sobre religião. Trata-se de um estudo clínico das possíveis origens da representação interna de Deus por parte do indivíduo e suas subseqüentes elaborações. Também é um estudo da relação existente nas câmaras secretas do coração humano entre Deus e a pessoa que crê nele durante as vicissitudes do ciclo vital. (Rizzuto, 2006, p.17).

Portanto, a autora conclui suas pesquisas, evidenciando, por meio da análise da psique do indivíduo, como obter as respostas para perguntas como “o que leva alguns indivíduos a crerem em Deus e outros a negar

sua existência?”, “o que leva os indivíduos a terem percepções diferentes de um mesmo Deus?” ou “por que existem variações de relacionamentos com um ser superior?”, entre outras eventuais dúvidas acerca deste assunto. Logo, esta pesquisa é esclarecedora para aqueles que se fazem estas indagações.

A partir da obra de Rizzuto, exposta de forma sucinta neste artigo, levanto um ponto importante a ser refletido quanto a conclusão da autora no que concerne ao condicionamento da relação do indivíduo com seu Deus em seguir aspectos das relações com as representações objetais primárias. Estando esta tese precisa, conclui-se que o indivíduo não usufrui liberdade de escolhas referentes a sua crença ou não em um ser superior, não podendo controlar os acontecimentos e aspectos que modifica e reelabora a representação de Deus em sua psique, portanto encontra-se subordinado a estas situações. Retomando a questão dos aspectos que modificam a representação de Deus, esses podem ocasionar o recalçamento da representação de Deus em algum nível desenvolvimental – como já exposto anteriormente – podendo ser desrecalcada mediante uma profunda experiência emocional que segundo a autora pode ser evidenciada em uma conversão religiosa. Portanto, reputando o indivíduo como um ser livre e dotado de razão para escolher e discernir sobre muitos aspectos importantes de sua vida e considerando a tese de Rizzuto, quanto as condições para o desrecalcamento, proponho que o indivíduo é responsável por decisões pertinentes a sua vida religiosa, pois pode escolher vivenciar ou não experiências religiosas que poderá leva-lo a decidir a ter crença ou não em um ser transcendente.

Considerando o indivíduo e a representação de Deus em seu *self*, como explicitado no levantar da questão anterior este Deus é apreendido pelo indivíduo a partir das características herdadas dos objetos primários, por conseguinte o Deus conhecido pelo indivíduo possui atributos restritos aos aspectos das suas primeiras relações objetais, deste modo os aspectos próprios do ser transcendente não são captados pela representação de Deus. Portanto conclui-se que o indivíduo não conhece de fato ou na sua totalidade o Deus apresentado pela religião, mas apenas o que consegue apreender Dele, logo reflito sobre a questão da importância das experiências religiosas vividas pelo indivíduo: as ignoradas, vistas como irrelevantes, as não vivenciadas ou as desconhecidas, para realizar um estudo amplo evidenciando as experiências mais expressivas e presentes na religião do indivíduo em análise, a fim de chegar a uma conclusão satisfatória sobre a importância e a extensão da influência destas na vida do indivíduo e o quanto este conhece a respeito de seu Deus de maneira dissociada dos aspectos herdados dos objetos primários.

Tendo levantado as questões acima torna-se evidente a relevância da obra em análise para entender a importância do indivíduo como um ser religioso capaz de crer ou não em um ser superior que o transcende em grandeza e atributos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer do artigo procurei enfatizar por diversas vezes a teoria central de Rizzuto de que “[...] nenhuma criança no mundo ocidental, educada em circunstâncias normais, completa o ciclo edípico sem formar uma representação pelo menos rudimentar de Deus, a qual ela pode usar ou não visando à crença.” (Rizzuto, 2006, p.262). Diante desta conclusão fundada através de dados teóricos e empíricos concordo com a autora em considerar a importância de valorizar a religião, assim como sua capacidade de influenciar na vida do indivíduo nos aspectos: sociais, pessoais, emocionais, culturais e na própria ciência. Em sua obra, Rizzuto demonstra o quanto que a cultura da psicanálise aderiu às conclusões de Freud, de que a “[...] religião é uma neurose baseada em desejo.” (Rizzuto, 2006, p.274). Como consequência, o âmbito da psicanálise não deu à religião o devido valor e espaço nos estudos e pesquisas a serem utilizadas nas análises da psique do indivíduo.

Portanto, nas minhas considerações finais, ressalto a possibilidade de que a ciência em suas diversas áreas e especialidades esteja em falta com estudos mais aprofundados para entender o ser humano no aspecto religioso, podendo também ter contribuído com pesquisas visando apenas alguns aspectos das religiões apreendidos pelo indivíduo, possivelmente os mais visíveis e passíveis de serem percebidos do que os demais como ressaltou a autora “Talvez tenhamos esquecido a poderosa realidade de objetos inexistentes, objetos de nossa criação. Hoje, paradoxalmente, a insistência em relações objetais parece ter eliminado o conhecimento de que o ser humano não vive de pão somente” (Rizzuto, 2006, p.73). Ou seja, é necessário atentar de igual forma para questões consideradas mais complexas do que outras, como os “objetos inexistente” presentes na mente humana, a fim de valorizar o indivíduo em sua totalidade. Dessa forma, pode-se concluir sobre a importância de refletir a respeito do assunto abordado para se chegar a pesquisas mais profundas e equânimes a respeito do valor da religião na vida do ser humano.

REFERENCIA

RIZZUTO, Ana – Maria. **O nascimento do Deus vivo**: um estudo psicanalítico. São Leopoldo: Sinodal; EST, 2006.